

Conhecimento e comunicação histórica: novos desafios na crise atual

A crise sanitária confinou em variados graus grande parte da população mundial em casa, limitando as interações presenciais ao nível mínimo. Mesmo em países como o Brasil, em que a gestão desastrosa da situação não permitiu um isolamento social forte e conseqüente, o medo do contágio interferiu nas relações interpessoais de forma inédita. Esse movimento vem consolidando o lugar das redes sociais como um ambiente ainda mais vital de interação social, de ensino e aprendizado, produção e circulação de informação e conhecimento. Essa situação veio associar-se a um movimento recente, mas, anterior, de virtualização do debate político, em que as extremas direitas até então têm sido hegemônicas. Pautas abertamente antidemocráticas, agregadas à produção em massa de *fakenews* e negacionismos têm “viralizado” de forma inédita nas redes, formando um caldo de opinião que tem posto em cheque o mundo democrático, suas instituições, suas formas de vida e também de produção de conhecimento. Em resposta a tal conjuntura, grupos diversos da sociedade civil têm feito, nos últimos anos, um intenso movimento de intervenção no debate público virtual, o que, neste momento, parece mostrar seus primeiros sinais de sucesso. Nesse esforço, o papel da comunidade acadêmica e, em especial, da área de História tem se feito presente.

A conjuntura da pandemia do Coronavírus associada à ascensão das extremas direitas vem contribuindo decisivamente para a relativização de certezas em torno de determinados formatos de apresentação e comunicação que ainda mantinham o saber histórico disciplinar dentro de uma relativa, porém já enfraquecida, zona de conforto. O artigo acadêmico, o livro, o capítulo, a aula, a conferência, o simpósio temático parecem ceder algum espaço para novos formatos e linguagens, como a *live*, a aula virtual, o vídeo, o *blog*, o *Podcast*, o livro de divulgação científica e o texto

de intervenção ocasional no debate público. Se, inicialmente, estavam sendo produzidos, muitas vezes por “leigos”, em especial por jornalistas, hoje vemos os historiadores ampliando sua intervenção nesses novos campos. Duas preocupações associadas parecem crescer entre a comunidade acadêmica de historiadores neste momento: a necessidade de incorporar decisivamente o ambiente virtual às suas práticas de produção e comunicação do saber histórico; e uma profunda mudança da linguagem em uso pelos praticantes da disciplina, o que impõe um novo processo de letramento para muitos historiadores acostumados a falar quase que exclusivamente a seus pares. A preocupação com a acessibilidade da comunicação do saber histórico, bem como a abertura para o debate com a comunidade têm se destacado nos últimos anos e se intensificado nestes meses de pandemia. Paralelamente, vemos uma movimentação das revistas acadêmicas da área buscando associar o formato “artigo acadêmico” a outras formas de produção, circulação e apresentação do saber histórico, adequadas à cultura virtual, que, a propósito têm revelado um grande interesse pela história.

Vemos hoje a aceleração exponencial de uma tendência verificada nas últimas décadas do século XX. Trata-se de mais um capítulo do processo de questionamento de demarcações basilares da disciplina histórica, tanto em seus protocolos de conhecimento como de comunicação do saber. A naturalidade da separação entre passado e presente, e do processo inevitável de “esfriamento” do passado, tornado assim disponível para o manejo da ciência histórica, já vinha desde as últimas décadas do século XX sendo desconstruída. Os passados-presentes, frutos de experiência traumáticas e feridas históricas, mostraram sua resistência a se encaixar em tais pressupostos, impondo um contundente realinhamento disciplinar. Não apenas os pressupostos epistemológicos, mas também de apresentação, difusão e popularização da história vinham sendo renovadas, evidenciando o fato de que o elemento estético e ficcional e as variadas linguagens, não são acessórios, mas parte substancial

da prática historiográfica democratizada. Percebeu-se a relativa inadequação das formas tradicionais de escrita da história pautadas no distanciamento analítico para a comunicação dos passados traumáticos frutos do testemunho de sujeitos históricos antes marginalizados e silenciados.

Tal movimento de democratização do saber histórico ganha agora novas camadas neste momento de profunda crise global. No instante do perigo, em que a democracia e a ciência encontram-se sob bombardeio de forças claramente reacionárias e violentas, vemos erguer-se na sociedade um movimento de defesa de instituições e formas de vida próprios da democracia. Uma delas é a ciência. Se fora indispensável até aqui desconstruir a pretensão de neutralidade do discurso científico, e, em particular, do discurso histórico, evidenciando sua circunscrição epistêmica, social e política – crítica primordial para a construção democrática na segunda metade do século XX – hoje, vemos a necessidade da defesa de determinados princípios salutares do discurso científico. Os acordos partilhados de construção da verdade factual, o processo da pesquisa, a necessidade da prova, da verificação de dados, a avaliação pública de resultados e, sobretudo, a constante vigilância reflexiva sobre os preconceitos sedimentados que possam atuar indevidamente sobre o conhecimento, revelam, ainda mais claramente, sua importância num contexto em que as *fakenews* e os negacionismos mais abjetos ganham adeptos raivosos no debate público. Se, por um lado, a ciência foi usada inegavelmente como discurso legitimador do racismo e da opressão, há elementos saudáveis da prática científica que são fundamentais para a manutenção de uma sociedade democrática que precisam ser defendidos abertamente hoje. Um certo controle crítico, nos termos da democracia sobre as proposições que são veiculadas ao público como “verdades”, vem sendo cada vez mais assumido como tarefa do campo das humanidades. O combate a negacionismos, caracterizados, não apenas pela negação propriamente dita de fatos históricos, mas por generalizações indevidas,

usos descontextualizados e tendenciosos de informações históricas com o objetivo único de revestir preconceitos arraigados de uma aparência de legitimidade, são hoje uma das tarefas fundamentais do historiador e do cientista social. Tal combate pela ciência e pela democracia pelos praticantes das humanidades, se dá hoje de forma indissociada do uso competente das ferramentas oferecidas pelas tecnologias contemporâneas de comunicação. A comunidade de historiadores e historiadoras compreende a centralidade do ambiente virtual no debate público e se esforça por encontrar aí suas próprias maneiras de intervenção. Fazer história, participar do debate público, presencial e virtual, defender a democracia e seu aprofundamento são hoje elementos indissociáveis.

As revistas acadêmicas de excelência do campo das Humanidades têm buscado participar e contribuir para mais essa etapa de transformação do campo. Além do aperfeiçoamento dos formatos tradicionais de publicação – o artigo, o dossiê, a resenha, a tradução – e da ampliação do leque de indexadores a que a revista se vincula, a *História da Historiografia* ampliou recentemente seu campo de atuação editorial com dois projetos conjugados, o *Portal de Humanidades HHMagazine* e o Podcast *Historiar*. O *HHMagazine*, coordenado pela historiadora Thamara de Oliveira Rodrigues, professora da Universidade do Estado de Minas Gerais, publica textos curtos de intervenção, ensaios, resenhas, poesias, contos e outros formatos de mídia. Embora não exclusivamente, o projeto divulga produções em teoria da história e história da historiografia, muitos deles associados diretamente às produções da revista. Desse modo, o portal tem sido um importante veículo para que as ferramentas teóricas desenvolvidas por nosso campo sejam postas em movimento, para pensar os desafios do mundo atual. Uma função correlata do portal é divulgação dos dossiês e artigos publicados pela *História da Historiografia* nas redes, contribuindo para a popularização desta produção científica.

No mesmo espírito, o Podcast *Historiar*, coordenado por mim em parceria com a aluna de graduação em História na UFOP, Larissa Vitória Ivo, e com a professora Helena Azevedo Paulo de Almeida, se dedica a ampliar a visibilidade à produção acadêmica publicada em nossa revista. Buscando traduzir pesquisas acadêmicas para a linguagem própria do Podcast, isto é, acessível a um público que ultrapassa o dos especialistas, convidamos os autores de cada número para apresentar seus trabalhos. Estamos ampliando o escopo do projeto em direção à inclusão de entrevistas sobre temas contemporâneos diversos vistos sobre a ótica das áreas da teoria da história e da história da historiografia, e sobre teses e livros recentemente publicados. Vale ressaltar que estamos em busca de financiamento para que o Podcast se profissionalize cada vez mais. O Podcast tem se firmado muito recentemente no Brasil e no mundo como um ágil e acessível veículo de mídia com grande potencial de crescimento, em especial, no campo da divulgação científica e da História Pública. A Revista *História da Historiografia* avista, nesses projetos, uma importante frente de atuação editorial associada ao essencial trabalho de publicação dos formatos habituais de textos acadêmicos, aos quais dedicamos grande parte de nossos esforços. Oferecemos, assim, ao público nossa contribuição para o fortalecimento da ciência, da universidade pública e da democracia no Brasil.

Luisa Rauter Pereira

Ouro Preto, julho de 2020.

Luisa Rauter Pereira 

lurauterp@gmail.com

Universidade Federal de Ouro Preto

Departamento de História

Programa de Pós-Graduação em História

Mariana

Minas Gerais

Brasil